

**CADERNO-CORPO, CORPO-CADERNO: MULTIPLICIDADES EM ESCRITA E  
REGISTROS PERFORMATIVOS**

**NOTEBOOK-BODY, BODY-NOTEBOOK: MULTIPLICITIES IN WRITING AND  
PERFORMATIVE RECORDS**

Mariana Brites (Alla Soüb) / UnB

**RESUMO**

Esse artigo aborda as primeiras reflexões do processo de feitura de uma tese em Poéticas Contemporâneas, na Universidade de Brasília. Pisadas ainda leves demarcam um território sentido de desejos, um desejo de fala. Por meio de registros performáticos são realçados os traços autobiográficos da performance, pistas de uma existência. A escrita, em seu conceito ampliado, é incorporada ao texto e ao corpo a partir do conceito a ser desenvolvido: caderno-corpo. Realça-se a importância de pensamentos confluentes com a poética que incluem Jacques Derrida, Glória Anzaldúa, Maria Beatriz de Medeiros e Jota Mombaça. Escrevo sobre escritura e quando escrevo sou disforme. Nessa dança de aproximação e afastamento, comemos-nos e não sei quem somos. Entrelinhas de *eus* compostos ficcionais, documento, histórias não gravadas ao certo, mutantes invenções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance; Escrita; Autobiografia; Registro.

**ABSTRACT**

*This paper approaches the first reflections of the process of making a thesis in Contemporary Poetics, at the University of Brasilia. Still light footprints mark a territory of desires, a desire for speech. Through performance records are highlighted the autobiographical features of performance, clues of existence. Writing, in its expanded concept, is incorporated into the text and the body from the concept to be developed: notebook-body. It emphasizes the importance of confluent thoughts with poetics that include Jacques Derrida, Glória Anzaldúa, Maria Beatriz de Medeiros and Jota Mombaça. I write about writing and when I write I'm misshapen. In this dance of approach and withdrawal, we eat and do not know who we are. Between the lines of his fiction, I document stories not recorded to perfection, mutant inventions.*

**KEYWORDS:** Performance; Writing; Autobiography; Record.

## **EU, QUEM?**

Cerrado e frio, maio de 2018

Não sei de outra forma que eu – a primeira pessoa dessa história – poderia lhe conversar algumas reflexões acerca de identidade e autobiografia. Me mantenho sem nome, brincante do mistério. Mais que um nome sou um corpo, nunca desapercebido. Sobre os nomes já me desfiz do que me deram. Me renomeei num mix de boatos familiares e invenções: auto nomeiei-me com a linguagem do afeto. Como me encolhia tanto para caber dentro do nome que não era (m)eu?! Um nome, uma expectativa, um ponto de vista. Mas agora, consciente dos atos, me nomeio com o que sinto, o que transborda de mim, escolho um nome de antes, o nome da impossibilidade e do desejo de minha mãe. A mudança de nome muda as estruturas: quem nome é você?

Mutável como a água, essa pergunta e eu nunca nos abandonamos. Com o passar do tempo e da minha prática de vida (tão artística quanto cotidiana) percebi no passado pistas de dizeres nos registros das ações performáticas (2015-2017). Um corpo na rua é mais que seu nome, é a sua “leitura” social.

Me encorajo a escrever essa história, íntima mutante, por meio de escritos de Glória Anzaldúa, Jacques Derrida, Maria Beatriz de Medeiros e Jota Mombaça. Pessoas que escrevem de maneira autobiográfica acerca de suas produções e percepções de mundo, para além de referências bibliográficas congeladas em um artigo são colaboradoras para a ação do pensamento. Este texto está feito de forma que as bibliografias e vivências estão incorporadas a ele. Como uma arquiesscritura (DERRIDA) o presente texto descende da fala, da comunicação, do corpo-como-um-tudo. Não estou sozinha, falamos em muitos cantos e as cicatrizes nos unem.

Com coragem, agradecida e inspirada por essas pessoas reconto a história de quando não sabia que era corpo. Por que foi justo na escrita que percebi a construção do mesmo. Por um motivo bem simples: alguém deveria estar ali para que o corpo do texto fosse escrito. Então rever meus escritos me surgiu como renascimento e a partir daí como prova de vida. Sutura. De uma vida que não cansa de se escrever e rasurar-se. Meus registros de ações poéticas em maioria têm algum fragmento de sua trajetória pendente com a escrita, a escrita me possibilitou a

foto que não tive, ou a multiplicidade de sentidos que o vídeo não parecia compor. Na letra, no tipo do papel e da caneta, tinha voz, ação e tempo. Os pedaços de papéis deixaram de ser só pedaço de qualquer coisa e tornaram-se quebra-cabeças da pele. O contato íntimo com a grafia, com a solidude e com o reconhecimento do corpo que sou. As nuances autobiográficas concentram-se nas ações performáticas: Souvenir (2015-...), Cartografia Ferida (2016), Atrás da dor acontece um baile (2017) e nos cadernos, agendas, diários e cadernetas amontoadas junto aos livros: meus álbuns de fotografia sem imagens.

Memória mutável, os textos brincam de reinventar o que ninguém lembrava, de fazer espanto nas lembranças. Eles brincam na presença, de esconde-esconde de verdades, ele se compõe com a pessoa que o lê. Carrega em si a potência da multiplicidade, característica que se anula quando só usamos o código da linguagem para comunicações analíticas buscando somente sua precisão. “Navegar é preciso, viver não é preciso” (PESSOA, Fernando). Tampouco escrever o é. Me encanta escrever nas margens da linguagem buscando o avesso do só-funcional, as imprecisões e ficções da linguagem para contar essa história minha e sua a partir do momento que se com-sente a leitura. Quem lê não só recebe o escrito, mas compõe com ele. Na leitura habita o entre momento particular em que não é só o escrito pela autora nem só o sentido por quem lê. Cada leitura pressupõe outras entrelinhas, reinvenção da mesma poesia, encontros.

Eu, corpo racializado, mulher, lésbica, mineira, gorda, classe média, estudante e pagadora de contas. Corpo que vive no Distrito Federal e carrega consigo toda impotência de não conseguir mesmo perto mover as estruturas concretadas do poder. Eu, além de tudo, dores no joelho, candomblecista, intensa, apaixonada por sol e beterraba, escrevo como quem afunda o papel, fumante e artista. Eus que todo dia se encontram. E quantas caberiam dentro de um nome? E dentro de um nome auto-escolhido?

Escrevo como corpo fronteiriço, retrato da miscigenação violenta do Brasil e com Anzaldúa prossigo:

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. Não começamos a

escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas às outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Então sem ideias certas sobre a origem deste corpo, DNA e subjetividades sigo. Como colocaria a não binária e artista Matheusa Passarelli “ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir”. Sou também corpo *e2tr4nh4* [sic] que é olhado, observado e muitas vezes invadido na rua. E é com esse corpo, e com todas essas subjetividades que o envolvem, que resolvi agir. Agir na ferida, no espaço do desconforto. Ser cicatriz, prova biológica de que a vida e a r-existência ainda não se estancaram.

As performances e derivas poéticas produzem fendas cotidianas que tendem a desprogramar o funcionamento usual da urbis. Através das poéticas se derrama arte pelo concreto. A luta poética também está a(r)mada, cada corpo é potencial guerrilha de sobrevivência na cidade violenta, opressora e normativa. Somos fendas a escorrer poesia, Matheusa parte da sua autobiografia para escrever e produzir o conceito corpo *e2tr4nh4*, mas sua individualidade apesar de única é compartilhada. Assim, se realça uma potência da autobiografia, que é justamente encontrar o próprio corpo e a coletividade que compõem esse corpo. Estou inundada de nós em mim. É sobre segurança, sobre construir juntas sonhos e projetos pessoais. Grupo, corpo-coletivo, é um espaço (físico ou não) de encontro composto por variáveis individualidades.

Sou muitas e sei que o grupo me multiplica mais ainda. São incontáveis nós nessa trama: somos. As criações existem, rizomatizam nossos corpos e presença, somos tantas elas quanto elas nós. Não criamos a partir do nada, criamos como quem compõe estratégia: em bando visamos o ataque político e artístico que compõem outra mudança lenta: a da cidade ao nosso redor. Nossas ações pela cidade também são cicatrizes, marcas de (des)pertencimento à mesma.

### **Caderno-corpo, corpo-caderno**

No ano de 2016 quando tive uma baixa no rendimento da escrita aconteceu um fato que alterou minha noção do conceito. Resumidamente: estava em uma zona rural do Goiás, véspera de 2017, parecia que nada de estranho aconteceria. Mas bastou algumas horas de sono para acordar e me deparar com uma intensa queimadura feita por um bicho-do-mato chamado Potó. No primeiro momento houve angústia de não saber o que tinha causado o ferimento, mas logo uma senhora no centro da micro-cidade, Cavalcante-GO, entregou o nome do feitor. Pronto, o mistério agora tinha um nome! Enquanto eu não conseguia produzir escritos, veio esse inseto e me queimou, me marcou deixando rastros e escritos de sua passagem sobre pele. Parecia que uma bigorna caía na cabeça ao reflexionar que além de escrever cadernos, poesias e afins a escrita é um suporte muito maior quando a deslocamos da possibilidade do papel. Em uma poética ampliada da escrita estamos o tempo todo imersa nela. Assim, pessoas iletradas ou que não fazem uso desse código estão sempre escrevendo suas marcas no mundo enquanto simultaneamente o mundo se incrusta nelas. São camadas de nossa passagem. O Potó, tão querido quanto selvagem, traz consigo e toda sua animalidade em um conceito que costura o que tanto desejava dizer com o estudo acerca dos registros escritos de performance.

Numa regra de três básica temos: caderno está para corpo assim como seus escritos estão para cicatrizes. Revolto ao tempo, as marcas e vejo que os cadernos que me trouxeram a noção de corpo são ao mesmo tempo ele mesmo: *caderno-corpo*, onde guardo as marcas dos caminhos, as trilhas e os desvios da trajetória. Um diário de bordo intransferível, exposto, mapa desconhecido rumo a subjetividade particular. Cicatrizes criam clãs: é importante notar aqui que não se refere somente a cicatrizes visíveis.

Quem precisa de borracha quando se tem o tempo? Responsável pelo sumiço e pela aparição de novas marcas, ele dinamiza a função de impermanência da pele, desenvolve uma curadoria da visibilidade sobre nossas marcas. Mas as marcas não-visíveis também expõem profundas e abissais feridas e histórias de r-existência.

A epiderme, camada mais exterior da pele, é uma parte do tecido tegumentar que se alastra em camadas mais profundas, marcas não são resumidas somente pelo que se vê. Cicatrizes de amor estão cravadas onde? A capacidade de retirar de si uma cicatriz, não desvincula o corpo da própria história. A pele em camadas, massa folhada de nós, possui memórias só-sentidas, invisíveis de tão profundas. O corpo incorpora os fatos, transforma em carne, mantém uma memória dissociável das noções lógicas do cérebro. Corpo fala e faz *cicatriz-ação*.

Maya Angelou, poeta estado-unidense, no filme “E Ainda Resisto” (2016) trata o racismo vivido como ferida no qual para escrever ela deve” apontar o lápis sobre nas cicatrizes para escrever”. Escrita sangrada, palpitante de vivências e denúncias, significantes passeiam pela poética. Jota Mombaça, bicha não-binária, preta, e cientista social nordestina, também aproximação pela cicatriz e índices do racismo - violência segregadora e marcadora nos corpos não-brancos – isso fica evidente na sua criação artística, com inúmeros desdobramentos (dentre performances, instalações e *perfolestras*) do projeto “A ferida colonial ainda dói” (2015 - ...). Como diria a própria pesquisadora “A colonização não é um assunto do passado. É um processo que nunca cessou e que agora tem novas formas. Não existe o pós-colonial.”. As opressões vividas são feridas abertas, recutucadas diariamente pela norma. Olhar-se, reencontrar-se através da ferida é uma forma de reconhecimento e de posicionar-se no mundo. Conceição Evaristo, também negra e brasileira, desenvolve o conceito móvel de *escrivivência* para refletir o contexto da mulher africana e sua descendência por meio do ponto de vista feminino e matriarcal e das memórias destas a partir da tradução oral. A *escrivivência* acontece depois da fala, são ficções de memórias doloridas para celebrar o agora.

O desejo maior do conceito *corpo-caderno* é poder ser variável na composição das cicatrizes e nas perspectivas correlacionais entre corpo e caderno. Partindo da ideia de corpo como caderno (vice-versa) não há caderno ‘vazio’, pois desse modo até mesmo o vazio, a ausência ou apagamento de marcas, é também escrita. Antes de encerrar essa sessão é necessário situar que este pensamento de conceito ampliado da escrita está altamente contaminado por uma fase em que começo a me aprofundar na obra de Jacques Derrida, principalmente nos livros “O animal que logo sou” e “Gramatologia”.

## **Registros e cicatrizes: performances e desdobramentos**

A seguir será feita uma retrospectiva dos registros de performance que denunciam desdobramentos autobiográficos. Uma vez que a performance já acontecida não pode ser repetir identicamente, restam aos registros tornarem-se desdobramento de outras sensibilidades, pontos de fuga. O 'de novo' é sempre outro. Os registros de "Souvenir", "Cartografia Ferida" e "Atrás da dor acontece um baile" serão apresentados em ordem cronológica. Aqui não interessa a descrição de como foi realizada a performance, esses registros foto-escritos são trechos e enxertos que compõem a busca autobiográfica. A imagem do corpo, mesmo quando não óbvia em um primeiro plano, está em tudo. Nesse percurso poético que abarca minha pesquisa não há ação que não descenda do corpo, não há a ausência dele, estou falando também sobre presença, rastros e suas variáveis. Mais uma vez reitero que a escrita me trouxe ao corpo, e agora esse corpo que escreve (ou esse escrito que é corpo) busca voz. A performance independe do registro, cada corpo já conserva e rebela em si um registro do acontecido. O registro é desdobrável, múltiplo. Performance como ponto de partida para os sentidos que ainda reverberam da ação; o registro abraça e engendra o depois.

O texto se apresenta enquanto extensão do corpo e suas marcas por mim riscadas são cicatrizes em pele-outra que tenho. Revisto a pele. Papel que somos. Livro em carne viva, couro de papel que possuímos. Instantes. As palavras dançam dentro do corpo que as embala em escritura, não estão sozinhas dissociadas do corpo, são o próprio corpo: forma, sensação e conteúdo. São as secreções, estado líquido do gozo, local propício onde se proliferam personalidades, poéticas e afetações, que escorrem do corpo até a superfície mais próxima – quiçá papel.

### **2015**

"O caderno é fragmento da viagem, parêntesis da experiência. Recontar o acontecido é também reinventá-lo. Os escritos do caderno não foram revisitados. Essas frases, por vezes soltas, apontam um fluxo contínuo. Como uma viagem de só de ida, em que mesmo voltar pode ser nova ida – já que tudo muda – nem o caminho é o mesmo, nem eu e tampouco o que se encontra.

A ação teve duração de doze horas. Esse ensaio de eterno rascunho é composto do resto que ficou naquele caderno sob a cama.

Vou antecipar a viagem já que o abismo é meu vizinho. Frente a frente compartilhamos horizontes. Nos vemos e sabemos um do outro. (Sabemos nada!)

No plano da viagem vou ao abismo. Aquela outra vista de tão longe mesmo mundo de mim.

Outro lugar da mesma casa.

(Onde estou? Morada em mim)

*Eu não vai* à viagem por que mim precisa ir só. As preocupações de 'eu' revelam a mim que estou mais calma que antes. *Mim* discorda. Esse caminho, que em algum momento já estive, é em minha memória desgastado. A lembrança é o fragmento da memória.

(Lembrança vagante revive memória sentida, mas o que chega até aqui estória)

Todo dia parece uma data viável.

Por essas palavras grita o silêncio que a paisagem do meu quarto engole. Para chegar ao ponto do desejo, no horizonte imaginado, preciso sair daqui de onde agora calor e conforto me habitam e ir. Desde dentro aqui quando comecei esse trajeto que vivencio diariamente a metamorfose por mágica converte a cama em abismo particular.

É daqui que visualizo a menor montanha do mundo. Ela se localiza na rua que fica em frente de onde sempre vou. Parei no caminho, ela me desvia e aceito: não tenho relógio para ter pressa.

Ela fica em cima de um bloco de concreto quebrado pela raiz de uma árvore grande. De tamanha pequenez, quis logo subir esquecendo toda pressa, que mesmo sem relógio, habita em mim. Sendo assim no primeiro passo, na primeira tentativa, já tinha passado a montanha e chegado ao outro lado.

O relógio batia em minha veia rala. Foi preciso reparar, diminuir o passo, a pressa, o impacto. Experimentar outro tempo, eu flutuante.

Quando a ponta do meu pé toca o topo, se esfarela a pouquíssima terra vermelha que há. O mais alto da menor montanha do mundo é o chão. De lá as casas são tão altas que quase estrelas e as estrelas tão altas que só se pode ver de olhos fechados. A formiga é o novo dinossauro.

(a pequenice começou a comer minhas sensações)

Em cima daonde consegui chegar tudo era abismo e mal podia mexer meus pés. O vento ventava a queda: propício fim e o início da diversão. Sem pensar e sem impacto, me lancei. No micro das frações do tempo em queda me deliciava com o prazer do movimento. Se o tempo era pequeno, não sei de que tamanho sou.

Escalar. Mirar. Pular de um abismo ao outro. Enfrentar. Abismar. Saltar.



(Passeando passaram dias em que escrever não se encaixou no roteiro. Até que na lua cheia o céu ficou transparente com todos os planetas escancarados, meu olhar passou a grade ignorando-a. Saiu andando com minhas pernas e de repente o trilho do trem estava iluminado. Reconheci que era esse o caminho de minha velha lembrança, o revivi como pude. Preferindo as beiradas. O frio congelante fazia eu sentir mais quente ainda o calor que gero: criação fulminante, mostra fogueira no epicentro de querer esvaziar-se de mim. Todo fogo precisa de ar.)” (Arquivo. SOÜB, 2016)



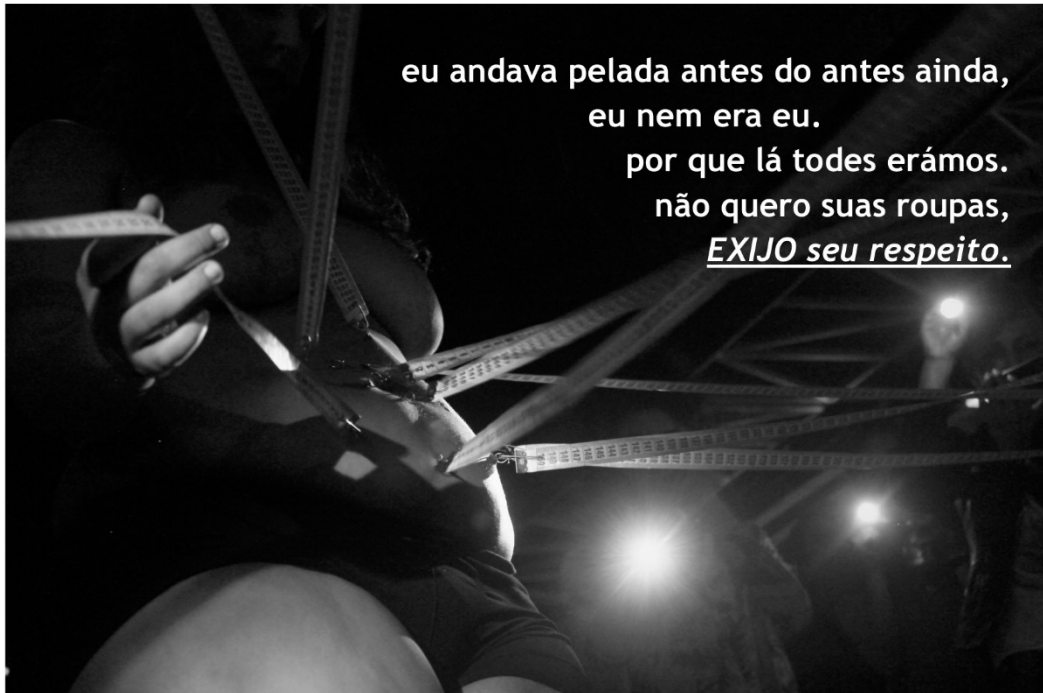
2016



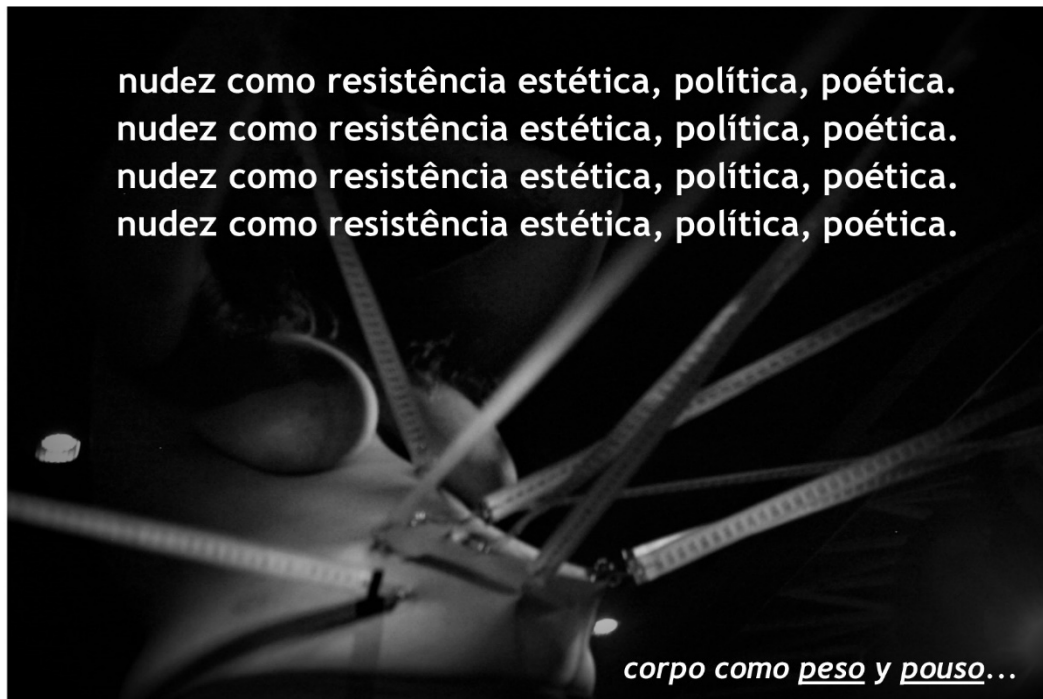
Figuras 1 e 2: Cartografia Ferida (2016)  
Fotografia: Gabi Cerqueira Plim  
42 x 29 cm

2017





eu andava pelada antes do antes ainda,  
eu nem era eu.  
por que lá todes erámos.  
não quero suas roupas,  
*EXIJO seu respeito.*



nudez como resistência estética, política, poética.  
nudez como resistência estética, política, poética.  
nudez como resistência estética, política, poética.  
nudez como resistência estética, política, poética.

*corpo como peso y posou...*



Figuras 3, 4, 5 e 6: Atrás da dor acontece um baile (2017)

Fotografias: Auriceleste Zimmerman

Edição: Alla Soüb

15 x 29 cm

Não há desejo na junção, na linearidade ou em uma única perspectiva autobiográfica a partir destes registros que existem separadamente. É válido frisar que esse reencontro com o material me verte as possibilidades autobiográficas, mas quando realizados esse conceito não estava tão próximo, ou tão consciente. O corpo marca voz, faz barulho sem decibéis, também é fala. Revisitei minha página pessoal no site Facebook, e ali estava escancarada o maior diário, cúmplice e fictício de meus dias por aqui. Cada passo dado em que não escondi a voz, as opiniões, é também grito autobiográfico. Como poderia ter consciência de uma autobiografia se ainda não sei quem sou? As poesias, performances e leituras são parte dessa construção e reconhecimento pessoal.

### **Inconclusões: recarregando sonhos para continuar a jornada**

---

O trabalho em performance autoral é intimamente ligado a pesquisa autobiográfica. Pequenos rituais e escancaramentos poéticos revoltam olhos para si. Que no meu caso, consegue após a experiência escrever. Algo muito maior do que somente a performance, mas o rastro da performance no corpo abre portas para reflexões diretas como as opressões cotidianas (gordofobia, LGBTfobia, racismo, transfobia, classismo...). A performance desliza no cotidiano, apresenta no corpo também brechas não exploradas. Está evidenciado no texto que esse primeiro encontro seja feito sem nome, uma vez que os registros e as escritas aqui já desenham em sua imaginação um corpo (im)possível para mim. Brincante de mistério, atento os olhos e a memória ao que guardei no corpo-caderno, com outros olhos revejo os escritos e identifico as frestas – ainda jovens – autobiográficas, quase quanto arqueologia essa escrita põe o passado a frente para que seja possível construir o futuro. O presente é meu ponto cego, onde todo gesto é grafia, crava carne na história, é ação, escolha, poesia cotidiana.

Como durante todo esse percurso não estamos falando de outra coisa senão essa “estranha instituição chamada literatura” (DERRIDA), como convidado final chamo Manoel de Barros. Este poeta brasileiro tem dentro de sua Obra Completa várias poesias que falam justamente sobre a própria escritura. Seu trabalho metalinguístico e autobiográfico, uma vez que vai falar sobre as pequenezas e desvios de sua memória e cotidiano, deixa um rastro provocativo para todos os brincantes da linguagem. Já diria ele que “a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para se tornar séria” (BARROS, 2010, p.345). Sigo na margem junto com esses fazedores que fazem das artes um local de sensação para exprimir suas vivências subjetivas. Criando concomitantemente possíveis mundos para se habitar. A dobra da linguagem é a poesia, a beirada da biografia a ficção.

O texto se torna também pulsante em brincadeira com a própria estrutura da língua, cria esses remansos a que o poeta se refere. Entretanto, é nesse lugar que a poesia se torna o avesso de mansa, é a parte da linguagem que morde, morde a própria língua a fim de degustar da saliva que vai ser secretada, saliva fluida e líquida que possibilita margem para que a imaginação surja. A utilização do código verbal aqui está disposta a criação de brechas, outras interpretações, novas gramáticas que escorrem nas frinchas e formam sensações anteriores a explicações. Poesia brinca,

cria o outro em si. Escrevo com letras que dançam em parque de diversão.  
Concreto e frio, Mais de 2018.

### Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. La consciência mestiza: rumo a uma nova consciência. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v.13 n.1. p. 704-719. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015>>. Acesso em 29 abr. 2018.
- BARROS, Manoel. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.
- BRASIL, Canal. Estação Plural: Conceição Evaristo. 2017. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- DERRIDA, J. Gramatologia. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_. O animal que logo sou: (a seguir). Trad. Fábio Landa. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- LORDE, Audre. Poesia não é luxo. Disponível em: <<https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/>>. Acesso em 15 jan. 2016.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Aisthesis. Estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2005.
- \_\_\_\_\_. Tese. Parte1. O artista plástico, sujeito e objeto da arte. Suas intervenções: MANIFESTA-AÇÕES. 2018. Disponível em: <[www.grafiasdebiamedeiros.blogspot.com](http://www.grafiasdebiamedeiros.blogspot.com)>. Acesso em: 15 maio 2018.
- MOMBAÇA, Jota. Dia del dolor colonial. 2018. Disponível em: <<https://diadeldolorcolonial.wordpress.com/portfolio/the-colonial-wound-still-hurts-jota-mombaca-monstra-erratica-brasil-en-venecia/>>. Acesso em: 16 maio 2018.
- TARGINO, Ricardo. Matheusa Passareli vai aparecer nos seus sonhos. 2018. Disponível em: <<http://midianinja.org/ricardotargino/matheusa-passareli-vai-aparecer-em-seus-sonhos/>>. Acesso em: 08 maio 2018.

### Mariana Brites (Alla Souÿb)

Natural de Viçosa-MG, é doutoranda em Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília sob orientação da Prof. Dr. Maria Beatriz de Medeiros. Desenvolve trabalhos em performance, composição urbana e poesia buscando seus possíveis cruzamentos. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 2010.